IV CONGRESSO NACIONAL DA FEPODI

DIREITO, EDUCAÇÃO E METODOLOGIAS DO CONHECIMENTO

LIVIA GAIGHER BOSIO CAMPELLO

MARIANA RIBEIRO SANTIAGO

Copyright © 2016 Federação Nacional Dos Pós-Graduandos Em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – FEPODI
Presidente - Yuri Nathan da Costa Lannes (UNINOVE)
1º vice-presidente: Eudes Vitor Bezerra (PUC-SP)
2º vice-presidente: Marcelo de Mello Vieira (PUC-MG)
Secretário Executivo: Leonardo Raphael de Matos (UNINOVE)
Tesoureiro: Sérgio Braga (PUCSP)
Diretora de Comunicação: Vivian Gregori (USP)
1º Diretora de Políticas Institucionais: Cyntia Farias (PUC-SP)
Diretor de Relações Internacionais: Valter Moura do Carmo (UFSC)
Diretor de Instituições Particulares: Pedro Gomes Andrade (Dom Helder Câmara)
Diretor de Instituições Públicas: Nevitton Souza (UFES)
Diretor de Eventos Acadêmicos: Abimael Ortiz Barros (UNICURITIBA)
Diretora de Pós-Graduação Lato Sensu: Thais Estevão Saconato (UNIVEM)
Vice-Presidente Regional Sul: Glauce Cazassa de Arruda (UNICURITIBA)
Vice-Presidente Regional Sudeste: Jackson Passos (PUCSP)
Vice-Presidente Regional Norte: Almério Augusto Cabral dos Anjos de Castro e Costa (UEA)
Vice-Presidente Regional Nordeste: Osvaldo Resende Neto (UFS)
COLABORADORES:
Ana Claudia Rui Cardia
Ana Cristina Lemos Roque
Daniele de Andrade Rodrigues
Stephanie Detmer di Martin Vienna
Tiago Antunes Rezende

ET84
Ética, ciência e cultura jurídica: IV Congresso Nacional da FEPODI: [Recurso eletrônico on-line] organização FEPODI/ CONPEDI/ANPG/PUC-SP/UNINOVE;
coordenadores: Livia Gaigher Bosio Campello, Mariana Ribeiro Santiago – São Paulo: FEPODI, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-143-2
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Ética, ciência e cultura jurídica

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Congressos. 2. Ética. 3. Ciência. 4. Cultura jurídica. I. Congresso Nacional da FEPODI. (4. : 2015 : São Paulo, SP).

CDU: 34

---

www.fepodi.org

IV CONGRESSO NACIONAL DA FEPODI

DIREITO, EDUCAÇÃO E METODOLOGIAS DO CONHECIMENTO

Apresentação

Apresentamos à toda a comunidade acadêmica, com grande satisfação, os anais do IV Congresso Nacional da Federação de Pós-Graduandos em Direito – FEPODI, sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC/SP, entre os dias 01 e 02 de outubro de 2015, com o tema "Ética, Ciência e Cultura Jurídica".

Na quarta edição destes anais, como resultado de um trabalho desenvolvido por toda a equipe FEPODI em torno desta quarta edição do Congresso, se tem aproximadamente 300 trabalhos aprovados e apresentados no evento, divididos em 17 Grupos de Trabalhos, nas mais variadas áreas do direito, reunindo alunos das cinco regiões do Brasil e de diversas universidades.

A participação desses alunos mostra à comunidade acadêmica que é preciso criar mais espaços para o diálogo, para a reflexão e para a trota e propagação de experiências, reafirmando o papel de responsabilidade científica e acadêmica que a FEPODI tem com o direito e com o Brasil.

O Formato para a apresentação dos trabalhos (resumos expandidos) auxilia sobremaneira este desenvolvimento acadêmico, ao passo que se apresenta ideias iniciais sobre uma determinada temática, permite com considerável flexibilidade a absorção de sugestões e nortes, tornando proveitoso aqueles momentos utilizados nos Grupos de Trabalho.

Esses anais trazem uma parcela do que representa este grande evento científico, como se fosse um retrato de um momento histórico, com a capacidade de transmitir uma parcela de conhecimento, com objetivo de propiciar a consulta e auxiliar no desenvolvimento de novos trabalhos.

Assim, é com esse grande propósito, que nos orgulhamos de trazer ao público estes anais que, há alguns anos, têm contribuindo para a pesquisa no direito, nas suas várias especialidades, trazendo ao público cada vez melhores e mais qualificados debates, corroborando o nosso apostolado com a defesa da pós-graduação no Brasil. Desejamos a você uma proveitosa leitura!

São Paulo, outubro de 2015.

Yuri Nathan da Costa Lannes

EDUCAÇÃO E EMPREGABILIDADE FRENTE AOS DESAFIOS DA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO SÉCULO XXI

EDUCATION AND EMPLOYABILITY IN THE CHALLENGES OF THE TECHNOLOGICAL REVOLUTION OF THE XXI CENTURY

Paulo Alessandro Padilha De Oliveira Silva
Lafayette Pozzoli

Resumo

As tendências do mercado de trabalho vem sendo modificadas dia a dia em razão da diminuição considerável de antigos postos de trabalho, da criação de novos postos e em decorrência de novas tecnologias. Houve uma modificação nas exigências do mercado; a empregabilidade não se faz vinculada à qualificação, mas se mostra atualmente correlacionada à adaptabilidade do indivíduo à novas situações e novos cenários. A consciência social e política do trabalhador é reflexo de um profundo desejo de aprendizado de novos conhecimentos e domínio de novas técnicas, inclusive aquelas vinculadas ao processo de aprender a aprender. É preciso identificar o papel das instituições de ensino nestas nova situação de mercado; aquelas precisam se desvincular da imagem de transmissoras de conteúdo e desenvolveram o ideal de desenvolvedoras de consciência, pela qual o aprendizado abandona a natureza meramente institucional e passa a ser impulsionado pelo próprio indivíduo.

Palavras-chave: Educação, Empregabilidade, Tecnologia

Abstract/Resumen/Résumé

Trends in the labor market is being changed day by day because of the considerable loss of old jobs, creating new jobs and due to new technologies. There was a change in market requirements; employability is not linked to qualifications, but currently shows correlated to the adaptability of the individual to new situations and new scenarios. The social awareness and employee policy reflects a deep desire to learn new skills and to mastery the new techniques, including those concerned with the process of learning to learn. There is a need to identify the mission of educational institutions in these new market situation; those needs to unlink the image of a content transmitter and need to develop the ideal of developers of consciousness, in which the learning abandons the purely institutional and becomes driven by the individual himself.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Education, Employability, Technology

Introdução

O advento de novas tecnologias impôs ao mundo novos paradigmas de produtividade, interação social e comunicação, conduzindo as nações ao fenômeno denominado ‘globalização’. Este fenômeno ocorreu com tamanha velocidade que os modos educacionais e procedimentos de ensino não o puderam acompanhar. A crise no mercado de trabalho decorrente da diminuição de postos de trabalho em setores como o agrário, a indústria e de serviços, em decorrência da implementação de novas tecnologias aumentou o contingente de mão de obra disponível, a qual não teve qualquer contato referente à utilização destas novas tecnologias, o que impede a reinserção destes no mercado de trabalho, criando um abismo entre os desempregados e as vagas disponíveis.

Os estabelecimentos de ensino mantêm seus modos de mera transmissão de conteúdo, não estimulando os indivíduos a novos aprendizados, sendo este o primeiro elemento observado para a minimização da empregabilidade. Embora o problema surja quando a necessidade de buscar ‘algo mais’ é despercebida pelo indivíduo, o real problema ocorre quando nada é oferecido pela instituição de ensino como estímulo, incentivo ou como elemento de conscientização àquele que não adquiriu esta necessária consciência de evolução.

1. Empregabilidade, revolução tecnológica e situação de mercado

O mundo vem sendo marcado por uma revolução eletrônica e tecnológica vinculada à derrubada de fronteiras territoriais, provocadoras da globalização, universalização dos meios de comunicação e ampla conectividade; o acesso à internet em alta velocidade possibilitou uma interação entre os indivíduos sem precedentes. Os aparatos tecnológicos de alta precisão implicaram uma derrocada no número de postos de trabalho e à criação de inúmeros outros. (IANNI, 1997).

Por sua vez a empregabilidade passou a exigir conceitos diferenciados a tudo aquilo que até então era praticado. Pode-se definir o conceito de empregabilidade como a possibilidade de determinado indivíduo em pertencer ao efetivo mercado de trabalho; os requisitos à empregabilidade não vêm se mantendo constantes no passar do tempo.

A lacuna educativa decorrente de tal revolução tecnológica é evidente; diminuiu-se de forma brutal o número de vagas disponíveis nos setores que originalmente não exigem competências diferenciadas, embora deve ser considerado que a prestação de serviços criou inúmeros outros postos de trabalho, os quais boa parte se encontram vagos.

Manifesto o paradoxo advindo da criação de novos postos de trabalho e a existência de vagas disponíveis no mercado, mesmo no atual cenário de crise mundial nos idos 2009 (BAUMAN, 2013) e uma taxa de desemprego no Brasil de 8,03 milhões de desempregados formais (isto, apenas aqueles que indiscutivelmente estão desempregados, não se inserindo neste rol aqueles que não estão procurando emprego), segundo dados do IBGE.

A hipótese estudada parte de duas premissas: existe desemprego em larga escala e existem vagas disponíveis; a conclusão natural de tal hipótese é que as vagas disponíveis não podem ser preenchidas por aqueles que estão desempregados, o que nos conduz ao efetivo problema: por quê?

Tal fato ocorreu em razão da revolução tecnológica ter se dado de forma muito rápida e intensa, sem que se tenha tido tempo hábil à preparação do mercado de trabalho à tal fenômeno. Em um intervalo de 20 anos, a tecnologia disponível nas empresas passou de uma máquina de escrever que ocupava meia escrivaninha para um dispositivo conhecido como *smartphone,* que é capaz de carregar milhares de documentos, processar dezenas de operações simultaneamente, realizar trabalhos a distância, se comunicar com o resto do mundo pela *internet*; tirar fotos, reproduzir filmes e músicas, chamar táxis, pedir comida etc.

Por todos estes elementos, o mercado de trabalho passou a exigir uma qualificação diferenciada, baseada em tais tecnologias. No entanto, conforme apresentado acima, tais tecnologias são muito recentes; o amplo acesso a elas, ainda mais recente. Quando consideramos então a inexistência de direcionamento do ensino para a adequada utilização de tais dispositivos, verificamos o advento de um círculo vicioso no acesso ao mercado de trabalho; apenas aqueles que já possuem o acesso às técnicas de conhecimento decorrentes de tais tecnologias continuam, entre si, a garantir a empregabilidade; os que não detêm tal conhecimento, permanecem excluídos de tal mercado. (TORTAJADA, 2000).

Por tal cenário, definimos a empregabilidade neste primeiro momento como a possibilidade de aprender novos conceitos e assim, se manter de acordo às atuais exigências de mercado. Ocorre que quando a empregabilidade é inexistente em decorrência da impossibilidade de aprendizado, aqueles que se encontram excluídos da empregabilidade efetiva sequer passam a almejar cargos de mercado para os quais a empregabilidade seja de fato existente, mas dão início à uma disputa às vagas de mercado para as quais a inexistência de possibilidade de aprender novos conceitos seja irrelevante. A consequência é que os empregos, que chamaremos “de acesso” para efeitos didáticos, se mostram cada vez mais competitivos e pior remunerados em razão do grande contingente de pessoas que a eles

concorrem, empregos estes que serão constantemente diminuídos em razão dos avanços tecnológicos.

Definimos então, de forma definitiva a empregabilidade como sendo a potencialidade profissional presumida, a qual existe apenas e tão somente para aquilo que denominamos de profissão (ou seja, aquilo no que se pode ser profissional), e não nos empregos de acesso, os quais resumidos a mera ocupação, não permitindo uma profissionalização de tais atividades. (MEGHNAGI, 1998).

Não pode ser ignorado que a escola (nos referindo de um modo global às instituições de ensino) devem adotar técnicas que permitam ao aluno o domínio de destas novas tecnologias – que hoje são reputadas como básicas -, uma vez que não há como ignorar a natureza revolucionária que as mesmas promoveram à sociedade e, muito menos, ignorar que o mercado de trabalho exige que as mesmas sejam conhecidas e compreendidas; não se trata de uma opção o conhecimento da utilização destas novas tecnologias; as mesmas saíram do âmbito acadêmico e militar e alcançaram os mais primordiais ambientes. (MATIAS, 2010).

A título de exemplo, basta considerar as tecnologias domésticas: desde a correta utilização da máquina de lavar louças ao computador de bordo de veículos; um motorista não precisa apenas de uma carteira de habilitação e bons reflexos; o mesmo precisa, além destes requisitos, compreender outro idioma para análise do computador de bordo, conhecer as especificações técnicas do veículo para compreender se o mesmo está ou não dentro daquilo que se esperava como regular, o domínio de normas de trânsito, a adoção de uma postura física condizente com as normas de segurança de trabalho e, obviamente, o conhecimento de utilização e compreensão das informações trazidas por um aparelho de GPS. A qualificação para a atividade de motorista profissional depende da carteira de habilitação; a empregabilidade depende do enquadramento nos demais requisitos exemplificados.

A evolução promove um fenômeno interessante; aquilo que em um momento corresponde à empregabilidade, corresponde num outro à mera qualificação. Com efeito, ultrapassamos décadas na qual a formação técnica e/ou superior eram suficientes à empregabilidade; num momento seguinte, o domínio de um segundo idioma; num terceiro momento, passaram a ser exigidas as especializações; adiante, passou a ser exigida a experiência prévia com os instrumentos de trabalho; passou-se então a exigir que o domínio nos instrumentos de trabalho se desse tanto na utilização quanto no preparo. O atual momento é ainda mais brutal: além de todos estes elementos, passou-se a exigir a capacidade de aprendizagem; não aquela pela qual o conteúdo é transmitido pelo educador ao educando, mas aquela na qual o educando adquire a auto capacidade de aprendizagem; extingue-se a oferta

de conhecimento, ele já está disponível. O diferencial será o domínio do alcance ao conhecimento, através de um processo de aprendizagem autônoma. (MATIAS, 2010)

A denominada "geração Y" não pode ser confundida com seus pais, seus avós ou bisavós; as necessidades educacionais e mercadológicas são diversas; a realidade e o conceito de mundo mudou; a redoma de vidro foi quebrada e, neste momento, os integrantes de tal geração estão expostos a todos os riscos, situações e probabilidades de um universo no qual as probabilidades são incontáveis. Por outro lado, estão expostos a uma realidade de comunicação, acessos, serviços e conhecimento sem precedentes. (ARAÚJO, DIEB. 2009).

Além disto, é preciso que as instituições de ensino preparem os novos indivíduos às novas possíveis profissões, possibilitando que os mesmos *saibam que elas existem*. A tecnologia existe e é utilizada; no entanto, o procedimento à construção e utilização da tecnologia como instrumento de trabalho continua oculto; a geração y (e a x, e a z) apenas mantém o contato com a tecnologia, mas não possuem conhecimentos ou bases suficientes para que possam definir qual é a estrutura da tecnologia; em síntese, não podem dimensionar como a tecnologia é construída, impulsionada ou desenvolvida.

Objetivando dimensionar o alcance da revolução tecnológica, estima-se que cada *site* na internet exija 40 funções de trabalho diferentes, as quais podem ser desenvolvidas por mais de uma pessoa; isto, ignorando a quantidade de vagas nas áreas de desenvolvimento de *softwares*, *hardwares* e *apps*. (VARGAS, 2014).

Todas estas funções possuem atualmente milhares de vagas disponíveis; no entanto, a maioria dos leitores certamente não conhecerá nenhum profissional ocupante de tais cadeiras. Questiona-se: a escola está preparada para oferecer aos alunos a empregabilidade para estas novas áreas de atuação? Ou ainda formaremos apenas médicos, engenheiros e advogados? A educação bancária, tão bem retratada na charge do caricaturista "memo" deu espaço à educação meramente conceitual?

2. Novos horizontes às instituições de ensino

Existe uma manifesta necessidade de adoção de novas técnicas de ensino-aprendizado para que o imenso contingente populacional atualmente desocupado (além daqueles que estão por vir) venham a ter possibilidade de ingressar no mercado de trabalho. Mais do que isto, é necessário que este novo modelo de trabalho seja incorporado ao processo educativo, tais quais as disciplinas de português, matemática ou filosofia. Não se trata mais de transmitir conceitos, mas de ser transmitida a capacidade de buscar o aprendizado de novos

conceitos; não há tempo para que a preparação para o mercado de trabalho seja realizado exclusivamente dentro da escola; esta deve se encarregar do processo de aprendizagem do aprendizado. (MEGHNAGI, 1998).

Se antes existia um cenário no qual o fornecimento de educação era suficiente para garantir ao futuro trabalhador o acesso aos conhecimentos e técnicas de trabalho necessários para que o mesmo se inserisse no mercado de trabalho, este momento foi ultrapassado; não há mais a possibilidade de transmitir o conteúdo necessário. Este sempre será insuficiente, reduzido e ilusório. (BAUMAN, 2010)

É preciso inovar; o conceito de aprendizado não pode mais ser limitado à recepção de informações existentes e pré-concebidas, mas na capacidade de identificar modos de que aprendizado seja constante, permitindo ao futuro mercado de trabalho condições de empregabilidade e, principalmente, adaptabilidade à nova situação de mercado. (BAUMAN, 2000).

O ensino não pode mais ser direcionado à solução de questões, mas à solução de problemas; as primeiras envolvem situações meramente teóricas nas quais o indivíduo é *forçado* a encontrar um resultado lógico, esperado, matematizado e provável – o que qualquer computador pode fazer. O diferencial para o futuro mercado de trabalho será a capacidade para a solução de problemas, que envolvem a aplicação de casos práticos simulando situações reais, nas quais a solução do problema apresenta um desfecho favorável à situação que pretender solver. Em síntese, é adicionado o *estímulo prático* à técnica de aprendizado, que quase sempre envolverá conhecimentos pretéritos do indivíduo e o estimulará ao que denominaremos de consciência de solvabilidade. (MEGHNAGI, 1998).

Os novos parâmetros educacionais não podem ser limitados à mera aplicação de conceitos às situações problemas, devendo ser promovido verdadeiro estímulo ao indivíduo para que seja desenvolvida a capacidade de análise da situação com fundamento em problemas pretéritos para que, então, novos horizontes possam ser traçados como alternativas viáveis à solução de questões novas. As informações são diferentes, os problemas são diferentes, o contexto é diferente; por consequência, a formulação de prováveis soluções a novos problemas devem ser solucionados com a mera utilização de experiências anteriores, mas com uma constante observância destes novos contextos e novos instrumentos de solução.

Não se considera mais a aquisição de saber acumulado, mas a experiência necessária para que o saber vivenciado possa ser utilizado em novas situações. As instituições de ensino devem então direcionar esforços à desvinculação da mera transmissão de conhecimentos, objetivando garantir aos educandos a nova capacidade que deverá ser desenvolvida para que a

empregabilidade seja possível; tal capacidade a ser desenvolvida não é mais aquela relacionada à aquisição de conhecimentos, mas aquela direcionada ao processamento pessoal e eficientes das informações. (MEGHNAGI, 1998).

O estabelecimento de novas competências profissionais é decorrente das novas exigências impostas ao mercado de trabalho. Neste cenário, se faz preciso considerar a necessária interação das disciplinas para a aquisição de novos conhecimentos, mas principalmente, considerar a interação disciplinar com o processo de adequação de experiências para a solução de novos desafios. (TORTAJADA, 2000).

O anseio moral permeado à consciência de função social é despertado no âmago do estudante e do trabalhador; a adaptabilidade do mesmo e a efetiva relevância social decorrente do aprendizado de novas tecnologias, novos conceitos e novas formas de aprendizagem se revelam a forma pela qual o indivíduo passa a ser dono de si próprio, detentor do conhecimento que permite a aquisição de novos conhecimentos, os quais não ficarão limitados ao âmbito profissional, mas impulsionarão a evolução da personalidade do trabalhador e de sua consciência social. (ROSA, 1998).

Não existem meios de um professor competir com um *smartphone*; o primeiro possui um plano de aula pré-estabelecido, um roteiro programado e irá transmitir conhecimentos que podem ser alcançados pelo aluno com a simples digitação de meia dúzia de palavras; o segundo possui um alcance ilimitado, amplo, inovador e interativo. A solução, então, é buscar dentro dos dispositivos tecnológicos, o enquadramento didático-mercadológico à realidade da geração Y, proporcionando a esta a capacidade, que lhes é inata, de interagir de forma saudável com a tecnologia; apenas não lhes foram apresentadas técnicas para que esta interação ocorra de forma saudável.

3. Conclusão

Para que as instituições de ensino façam frente a estas novas tendências, deve-se buscar um efetivo desenvolvimento social no indivíduo, despertando no mesmo o conceito de sociabilização, esta última a qual poderá provocar no mesmo um sentimento de mais-valia próprio, motivando o pleno desenvolvimento do cidadão comum.

Para tanto, é necessário que as instituições de ensino que não se vinculem exclusivamente à transmissão de conteúdo, mas desenvolvam uma efetiva proposta que objetive estimular a capacidade de aprendizagem, evolução e desenvolvimento do indivíduo, garantindo assim a própria evolução da sociedade.

As instituições de ensino devem se tornar espaços que estimulem a comunicação, a interação e a troca de conhecimentos entre os alunos e professores, os alunos com os próprios alunos e ambos com o mundo externo, alinhando-se às novas tecnologias, de tal forma que a comunicação entre os professores e alunos se deem de forma eficiente e sintonizada; a técnica de ensino deve ser direcionada à comunicação, e não ao depósito de informações.

O trabalho destes novos tempos desenvolveu uma consciência de trabalho vinculada à sua efetiva participação na sociedade; não se verifica a antiga pretensão de que o trabalho tenha como objetivo apenas prover o sustento do trabalhador; o trabalho deve ser fonte de dignidade e integração social e, por este motivo, prover o sustento do indivíduo.

É preciso desenvolver no âmbito escolar, principalmente no âmbito dos cursos técnicos e de graduação, uma adaptação a estas novas exigências do mercado de trabalho; adequar os procedimentos de ensino à realidade social e de trabalho que impregnou à sociedade enquanto esta continua se adaptando à revolução tecnológica.

A escola precisa perder a imagem de se tratar de um banco de informações no qual os alunos comparecem, assistem aulas e os professores depositam o conhecimento; é preciso que esta promova, de fato, a qualificação do estudante ao mercado de trabalho, mas mais do que isto, que esta possibilite ao estudante o desenvolvimento de habilidades vinculadas a possibilidade de aquisição de novos conhecimentos e, por consequência, garantir a constante empregabilidade deste, ainda que novos desafios, tecnologias e situações venham a lhe ser impostas, garantindo ao mesmo sua efetiva participação social, garantia do pleno emprego, desenvolvimento de consciência social e política e, principalmente, da empregabilidade.

Mais do que isto, não se pode mais considerar a possibilidade de que o procedimento educacional seja limitado aos primeiros anos de vida; é preciso que o procedimento de aprendizado e atualização seja constante; o desenvolvimento de parcerias entre empresas e entre órgãos públicos para com estabelecimentos de ensino no qual sejam desenvolvidas atividades relacionadas à profissionalização com base em novas tecnologias, e principalmente, nos quais se tenha como foco o desenvolvimento da consciência social do trabalho e, por conseguinte, da necessidade de constante aprendizado, se mostram possíveis soluções plausíveis e economicamente viáveis à reinserção do largo contingente de mão de obra que se encontra afastado do mercado, garantindo assim o efetivo desenvolvimento pessoal e social do cidadão.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, MAY, Zygmunt, Tim. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Conseqüências Humanas** (Globalization: The Human Consequences. New York: Columbia University Press. Traduzido por Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor

COSCARELLI, C. V. **Linkando as ideias dos textos.** In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (orgs.). Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino. Fortaleza: UFC, 2009. P. 13-20.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 225p. 1997.

MATIAS, Eliane Tavares Barreto. **A empregabilidade na era digital: um estudo de caso**. Dissertação – Mestrado. 116 p. 18/11/2010.

MEGHNAGI, Saul. A competência profissional como tema de pesquisa. **Educação & Sociedade Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**. Campinas: Cedes n. 64. P.50-86.

RODRIGUES, José. Da teoria do capital humano à empregabilidade: um ensaio sobre as crises do capital e a educação brasileira. **Trabalho e educação.** Belo Horizonte, n. 3. Ago/dez, 1997.

ROSA, Maria Inês. Do governo dos homens: "Novas responsabilidas" do trabalhador e acesso aos conhecimentos. Educação **& Sociedade Revista Quadrimestral de Ciência da Educação.** Campinas: Cedes n. 64. P.130-147.

SILVA, Sayonara Grillo Coutinho Leonardo da Silva. **Direitos fundamentais, garantismo e Direito do Trabalho.** Revista do Tribunal Superior do Trabalho, São Paulo, v. 77, p. 274-292, abr./jun. 2011.

TORTAJADA, I. ; FLECHA, Ramón. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: **A educação no século XXI. Os desafios do futuro imediato.** BARTOLE, L., IMBERNÓN, Francisco (org.),et al. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000. P. 21-36.

VARGAS, Maria Amélia. Conheça as novas profissões que surgem com a internet. **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 22/05/2014. Caderno Economia.